

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO:
DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

Francisco Josué Medeiros de Freitas¹

Resumo

Este artigo pretende discutir as formulações de dois autores marxistas, Daniel Bensaid e Edward Palmer Thompson, sobre a relação entre *necessidade e liberdade*. A hipótese deste artigo é que as concepções destes dois teóricos recuperam a vitalidade do marxismo crítico no sentido de articular dialeticamente estes dois pares contra outras versões marxistas que trataram esta dicotomia de forma determinista.

Palavras Chaves: Marxismo Crítico; Daniel Bensaid; Edward Palmer Thompson

INTRODUÇÃO: HÁ LUGAR PARA O MARXISMO?

A resposta imediata é sim. Dela, porém, surge uma nova questão. Qual é este lugar? Ora, o marxismo não é um frequentador dileto das rodas de debates, revistas, encontros, resenhas de teoria social ou de filosofia política. Não que ele seja esquecido. Muitas vezes é ignorado, ou então confinado a um pequeno espaço nas disciplinas de pós-graduação e da graduação, algo para constar.

É verdade que não é preciso mais apresentar a teoria marxista como vítima das novas doutrinas que insistem em declarar morto o velho Marx e seus seguidores. Ao que tudo indica, esta moda já passou. Não obstante, é possível identificar um certo ostracismo às idéias e concepções marxistas. Quando muito, são boas peças de museu, devem ser estudadas, mas ou não servem para explicar o mundo atual ou não servem porque não é possível construir uma única explicação para o mundo atual.

Alguma autocrítica se faz necessária nesta apresentação: de fato o marxismo é protagonista de muitos erros intelectuais, teóricos e práticos, ao longo do século XX. Determinismo, mecanicismo, positivismo, reducionismo são alguns dos predicados que, muitas vezes com justiça, acompanham teóricos marxistas como tatuagens.

Enfim, o objetivo deste artigo não é diagnóstico acima encaminhe neste de forma nenhuma defender a tradição marxista como um todo, embora o sentido. O que se pretende aqui é demonstrar que determinadas versões do

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

marxismo merecem um lugar ao sol nas discussões teóricas e filosóficas que dominam as ciências sociais. E, como será exposto mais tarde, não é de qualquer lugar que se está a falar nestas páginas.

Não se trata, por óbvio, de qualquer marxismo, mas de uma vertente desta teoria que pode ser chamada de crítica ou de heterodoxa, ou seja, que não aceita ser petrificada em cânones ou dogmas. Muitos autores podem ser incluídos nesta “corrente”, tais como a norte-americana Ellen Wood, o italiano Antônio Negri, o argentino Atílio Boron, por exemplo. Neste texto serão mobilizados dois pensadores marxistas que sem sombra de dúvida representam de forma exitosa esta tendência marxista crítica. São eles o historiador inglês Eduard Palmer Thompson e o filósofo francês Daniel Bensaid.

A proposta é estabelecer este contato entre Thompson e Bensaid a partir de um texto de cada um deles. No caso do historiador inglês aborda-se do artigo denominado “*Peculiaridades dos Ingleses*” enquanto para o filósofo francês a obra abordada é o livro “*Os irredutíveis: teoremas do tempo presente*”.

A conversa que irá se constituir nas próximas páginas está no início, e se for fecunda pode ser estendida para as outras obras de ambos os autores. E será um

diálogo direcionado, como era de se esperar. O tema desta confabulação gira em torno de uma das mais clássicas dicotomias da teoria social e da filosofia política, qual seja, aquela que opõe *necessidade e liberdade*.

Qual a relação entre estrutura e vontade? Entre o ser social e a consciência social? Entre a economia e a política? Entre cultura e razão prática? Entre a História e a história? São várias formas de fazer a mesma pergunta, de colocar um único problema: em que medida os homens e mulheres são capazes de transformar a realidade em que vivem? Apenas a vontade é suficiente? Ou existem as tais condições objetivas sem as quais a revolução não revoluciona?

Dentro deste tema mais geral, este artigo parte de uma premissa central, que é simples e nada tem inovadora, pois defende que não é possível nem desejável determinar a primazia para nenhum dos polos do binômio. Nem a vontade humana pode fazer tudo em qualquer tempo nem ela é escrava das determinações estruturais ou objetivas. O ideal é construir um arcabouço teórico e prático que sintetize as duas dimensões, tomando-as como parte de uma mesma dinâmica social relacional, em uma dialética onde ambas se alimentam. A já famosa afirmação de Marx no “18

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

Brumário” sintetiza a premissa aqui esboçada:

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Esta é uma dicotomia eminentemente política, talvez a mais política das dicotomias exemplares das ciências sociais, tais como *natureza* versus *cultura* ou *sociedade* versus *indivíduo*. E com frequência a política é a grande derrotada da má resolução desta falsa disputa. Neste momento, faz-se necessário um parêntese.

Por política entende-se, neste trabalho, a ação humana, coletiva, para intervir no espaço público com vistas a transformá-lo. Trata-se do momento em que os homens e mulheres tomam consciência e agem para alterar suas próprias condições de vida. O viver humano deixa de pertencer à natureza ou à providência e passar a ser propriedade da própria humanidade. Mais do que isso, o ser humano passar a pensar sobre suas situações e relações sociais, passa a refletir sobre seu mundo. O homem se configura, então, objeto de sua própria reflexão. O interessante é que até quando um grupo, casta, classe atua de forma coletiva e consciente no sentido de manter as formas

sociais existentes ela está fazendo política, porque esta permanência nunca é estática, ela também muda a realidade, uma vez que sua continuidade necessariamente gera novos problemas, novas demandas, etc.

Respondendo à pergunta inicial, o lugar do marxismo é, com certeza, o lugar da defesa da política. E com isso, fecha-se o parêntese, mas não o debate proposto. As conversações entre Bensaïd e Thompson virão no sentido de reafirmar este lugar de defesa da política contra as interpretações deterministas da relação *necessidade e liberdade* nas quais a política quase desaparece da análise e também da história.

Nas abordagens deterministas, as estruturas são tão poderosas que inviabilizam qualquer ação coletiva do homem para modificar a realidade. E a teleologia é tão potente que torna a agência humana desnecessária, posto que o objetivo final certamente virá. Em geral o determinismo complementa estes dois limitadores pregando que a política deve ser apenas a preparação para este Dever-Ser.

Voltando aos protagonistas do colóquio. A premissa central – singela e nada original como já foi dito – significa, sem meias palavras, que o marxismo é a melhor resposta para a pergunta de qual é o lugar da política na história. A citação de

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSALD E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

Marx não é ingênua. Porque, ao mesmo tempo, o marxismo é responsável por algumas das maiores violências teóricas contra a política na história.

Logo, o uso e abuso de Bensaid e Thompson vem no sentido de reabilitar a teoria marxista e a política, ou, em outras palavras, de defender a política contra alguns marxismos e com isso garantir ao marxismo crítico e heterodoxo um lugar no disputado pódio da filosofia política e da teoria social e, o que é mais importante, um lugar central na defesa da política.

Assim como a citação de Marx não foi inocente, a escolha destes dois pensadores também não o é. Tanto Thompson quanto Bensaid foram militantes políticos em vida, nunca aceitando o insulamento acadêmico que muitas vezes atinge importantes pensadores. Bensaid antes de morrer em 2010 fundou um partido anticapitalista na França e Thompson era uma liderança destacada da luta pacifista na Inglaterra nos anos 1980.

Os dois tem uma origem política comum, são oriundos dos partidos comunistas de seus países, e na suas vidas políticas foram marcadas por um combate prático aos resultados do determinismo. Thompson rompeu, em conjunto de um expressivo coletivo de intelectuais, com o Partido Comunista Inglês em 1956, no bojo

das denúncias ocorridas XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética sobre os crimes cometidos por Stálin.

A ruptura de Bensaid com o comunismo francês é resultado das mobilizações do maio de 1968 na França. O filósofo foi um dos mais importantes líderes estudantis das mobilizações francesas, e rompeu com o Partido Comunista Francês quando este orientou os dez milhões de trabalhadores em greve a aceitar um acordo com o governo. A maior parte da juventude comunista o acompanhou na cisão.

Os caminhos que ambos traçaram após o afastamento do movimento comunista soviético não foram idênticos. Bensaid se filiou ao movimento trotskista internacional e se tornou um destacado dirigente desta tradição, participando ativamente da política institucional na França e ajudando a formar militantes no mundo todo.

Thompson por seu turno buscou organizar na Grã-Bretanha uma esquerda independente dos vínculos tradicionais do marxismo, a fim de renovar a teoria e a prática marxista na Inglaterra. Fundou ao lado de seus parceiros políticos e intelectuais a rapidamente consagrada *New Left Review* e a partir dela organizou seu combate, sem abdicar das suas atividades de educador popular.

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

Apesar de não serem as mesmas, estas duas opções políticas possibilitaram e inclusive potencializaram a veia polemista do historiador e do filósofo. Bensaid e Thompson fizeram, durante toda a vida política deles, do debate teórico e intelectual mais uma arena para a disputa de suas concepções, seus projetos, suas utopias. Foram, em suma, defensores da política na prática e na teoria com uma tenacidade que se evidencia nos textos aqui escolhidos.

Ou seja, este artigo selecionou os textos dos autores de caso pensado, com culpa no cartório, portanto. Thompson publicou “*Peculiaridades*” em 1978 para tornar pública e sistematizar um conjunto de críticas que ele e seus colegas fundadores da *New Left* acumulavam contra a nova direção da revista, comandada por Perry Anderson e Tom Nairn.

Não só Thompson não era um adepto da discussão teórica pura, como um dos pontos centrais da sua produção intelectual era a defesa que seus pressupostos teóricos deveriam ser buscados em seus trabalhos de historiador.

ⁱⁱ Apesar disso ele se propôs a levar à frente esta discussão que a princípio parece interna tanto ao marxismo como ao contexto britânico da *New Left*, mas do qual é possível extrair contribuições gerais

para a defesa da política dentro da dicotomia *necessidade e liberdade*.

Muitos são os adversários de Bensaid em “*Os Irredutíveis*”, publicado pela primeira vez em 2001. Dos desiludidos pós-modernos aos neoliberais eufóricos, dos herdeiros do estalinismo aos social-democratas resignados, todos são alvos da retórica recheada de práxis do filósofo marxista e militante revolucionário francês. O formato do livro evoca um positivismo cientificista que por certo Bensaid não defende. A ironia deste léxico serve, contudo, para enriquecer as contendas que ele trava em defesa da política.

O amplo escopo de rivais inicialmente listados pelo filósofo pode dificultar a apreensão das suas formulações para o problema de reabilitar a política diante da difícil relação a vontade e determinações estruturais. Não obstante, logo se percebe que este tema está por trás de todos os teoremas, corolários e escólios listados por Bensaid no livro.

Além disso, e como não poderia deixar de ser em um diálogo sincero e tampouco de um marxismo crítico, alguns elementos de discordância entre Bensaid e Thompson também serão trabalhados neste estudo. Não somente é difícil imaginar que eles houvessem concordado em tudo como se pode apostar que o gosto de ambos pelas

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

controvérsias exigiria que os desacordos se fizessem igualmente presentes nesta conversação.

Terminado este prelúdio que visava justificar o quanto pode ser frutífero colocar o historiador inglês e o filósofo francês para conversar, é hora então de passar ao conteúdo mesmo do colóquio entre Thompson e Bensaid para demonstrar como estes dois pensadores revolucionários podem auxiliar na defesa da política contra seus inimigos relativistas e positivistas.

DETERMINAÇÃO NÃO SIGNIFICA DETERMINISMO

O combate ao determinismo é fundamentalmente interno ao marxismo. Não que a teoria marxista detenha o monopólio deste “pecado” intelectual. Afinal, existem os positivistas na sociologia e os “politicólogos” que se arvoram a prever o comportamento eleitoral por meio de contas e regressões. Todavia, o fato é que as concepções marxistas foram desenvolvidas em constante tensão com uma visão teleológica da história que leva ao determinismo.

Não é por outro motivo que não combater o determinismo que Thompson faz a seguinte pergunta:

Como encontrar um modelo para o processo social que permita autonomia à consciência social num contexto em que, em última instância, foi sempre determinada pelo ser social. Pode algum modelo abarcar a dialética humana singular pela qual a história não aparece de maneira voluntariosa ou fortuita, nem determinada (no sentido de ser enquadrada por leis necessárias do movimento), nem ilógica (no sentido de que se pode observar uma lógica no processo social)? (p.160-161).

Algumas manifestações deste determinismo marxista foram explícitas, como o estalinismo. Outras foram mais sutis, disfarçadas em artigos teóricos de Perry Anderson e Tom Nairn sobre a história inglesa. É fácil perceber que eles se completam, mesmo que a intenção não fosse esta. Contra o primeiro tipo se bateu Bensaid e quem enfrentou o segundo foi Thompson.

A - Os herdeiros do determinismo stalinista:

A crítica ao despotismo burocrático que se apossou da ousadia soviética mereceu um teorema específico do livro do filósofo francês. **O Teorema 4** cujo título é “*Quaisquer que sejam as palavras para expressá-lo, o comunismo é irredutível às suas falsificações burocráticas*” serve para que Bensaid marque as diferenças entre um marxismo heterodoxo e crítico e os herdeiros do stalinismo.

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

E ele não procede dessa maneira apenas por capricho ou por uma necessidade de reafirmar disputas internas do campo da esquerda. Até porque, como o próprio Bensaïd registra de início que “*Os partidos comunistas, formados (ou deformados) na lógica stalinista foram reduzidos à esterilidade teórica e condenados à lenta agonia.*” (pg. 9). Hoje, no entanto, os legatários do stalinismo nada mais são do que satélites da social-democracia (pg. 41).

Uma primeira justificativa para este combate é que “*para os stalinistas, o Partido se prevaleceria do ‘sentido da história’ para melhor legitimar sua dominação sobre o proletariado.*” (pg.39). E a defesa deste “sentido” não apenas vai contra a política como também contaminou diversas correntes teóricas do marxismo, como ficará claro nas concepções de Perry Anderson e Tom Nairn que veremos mais adiante.

A segunda e principal justificativa de Bensaïd para enfrentar o stalinismo é estritamente política. Ocorre que a “contra-reforma liberal” tem como um dos eixos estruturantes a dissolução do “comunismo no stalinismo”. Como diz Bensaïd, os liberais eufóricos com a mercantilização bradam aos quatro cantos do mundo que “*o despotismo burocrático é consequência inevitável da aventura revolucionária e*

Stálin o descendente legítimo de Marx e Lênin. O desenvolvimento histórico e o desastre obscuro do stalinismo já se encontrariam em estado latente nas noções de ditadura do proletariado ou de partido de vanguarda.” (pg. 71).

Os herdeiros do stalinismo costumam jogar água nesse moinho liberal-fatalista quando não fazem a crítica completa à experiência soviética passada e a chinesa presente. Muitas vezes apontam a burocratização da União Soviética como resultado de “erros teóricos”, e não como um verdadeiro fenômeno social. Como indica o **Corolário** único deste **Teorema 4** – denominado “*a democracia socialista não é solúvel no estatismo burocrático*” – esta é uma atitude “mistificadora”, pois indica que bastava “*ter compreendido e corrigido os erros e os desvios teóricos para se prevenir contra os ‘perigos profissionais do poder’ e garantir uma sociedade democrática transparente*” (pg.73).

Reduzir a burocratização stalinista a um erro teórico termina por uma liquidação do “marxismo crítico”, posto que o pecado original ou nunca é encontrado, condenando toda a teoria de Marx, ou quando o é trata-se de algum aspecto tão vital ao marxismo que sem isso ele se torna pura esterilidade intelectual.

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

Outras vezes aqueles que de algum modo reivindicam o legado stalinista apresentam o processo de burocratização do partido bolchevique sim como um fenômeno social, porém como um fenômeno social que necessariamente deveria acontecer, tendo em vista as “leis objetivas da história”. (pg. 76).

Eis então a terceira justificativa para fazer o combate ao stalinismo um ponto central da luta de Bensaid contra o determinismo e em defesa da política. Ao concluir que o que aconteceu tinha que acontecer e ao ignorar as outras possibilidades históricas que estavam colocadas naquele momento para a decisão da política os legatários de Stalin alimentam a fome dos profetas do fim da história.

Para Bensaid é tão urgente quanto possível encarar os destinos da revolução russa de maneira diferente, seguindo os passos de inúmeros intelectuais e militantes tais como Trotsky, Mandel, Lukács, Pierre Naville, Henri Lefebvre, Merleau-Ponty, Hanna Arendt entre outros que já se propuseram a analisar esta derrota histórica do proletariado, na maioria das vezes gerando ricas controvérsias e preciosos debates. Todos aqueles mobilizados por Bensaid concordam, contudo, em classificar o que ocorreu após a morte de Lênin em 1924 como “uma

contra-revolução burocrática” que deve ser analisada como um fenômeno social cujo destino não está previamente escrito.

Esta postura é importante para Bensaid porque permite uma ida ao passado entendendo que “*a história, que não é a narrativa absurda de um idiota, mas o resultado de fenômenos sociais, de conflitos de interesses de final incerto, de acontecimentos decisivos em que as massas, e não somente os conceitos, estão em jogo*”. (pg. 72, grifo meu). É crucial ainda “*no que diz respeito ao presente: os efeitos em cadeia da contra-revolução stalinista contaminaram toda a época e perverteram de maneira duradoura o movimento operário internacional; muitas das contradições e impossibilidades presentes são ininteligíveis sem uma profunda compreensão do stalinismo*”. (pg.72-73).

E, finalmente, trata-se de um modo de ler este fenômeno social também decisivo para o futuro das lutas políticas travadas pelas classes populares contra os adversários elencados por Bensaid, pois “*as consequências dessa contra-revolução, em que o perigo burocrático ganhou formas e proporções inéditas, ainda pesarão durante muito tempo nos ombros das novas gerações*”. (pg.73).

Bensaid se refere a esquerda no século XXI, que atua sem a sombra do

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

muro de Berlim mas que entretanto não limpou todos os escombros da cortina de ferro. Não obstante, é possível identificar afinidades entre este determinismo que virou Estado e o determinismo teórico de Anderson e Nairn contra o qual Thompson se insurge, permitindo que a confabulação entre ele e Bensaïd se desenvolva.

B – O peculiar determinismo marxista inglês:

Antes de prosseguir, é preciso esclarecer um aspecto: Perry Anderson e Tom Nairn não são stalinistas. Thompson colaborou diretamente com eles, do contrário não teria entregue a direção da *New Left Review*. E o próprio Bensaïd se relacionou com para a revista já sob a nova direção.

Ademais, não são os únicos marxistas em cujas obras podem ser apontadas como marcadas por uma tendência determinista dominante. Althusser na França é outro exemplo clássico, só para ficar em um terreno bastante frequentado por Thompson e Bensaïd. Entretanto, os determinismos se completam e se alimentam, no sentido em que ignoram a política. E por isso é possível criticar conjuntamente o legado de Stalin e os erros teóricos da nova direção

da *New Left Review*. Mas não se deve condenar o todo por algumas partes.

Thompson deixa claro esta posição quando afirma que Marx é diferente da maioria dos marxismos. Para ele, o pensador alemão tinha apego por “grandes fatos”, isto é, pela ação concreta dos homens na história, e a relacionava com os pressupostos teóricos em “*uma estimulante dialética de fazer-e-destruir, a formação de hipóteses conceituais e a produção de evidência empírica para reforçar ou quebrar essas hipóteses, a fricção entre pesquisa ‘molecular’ e generalização ‘macroscópica’*. Em qualquer tradição intelectual vital, esta zona candente entre modelo e particularidades é sempre evidente”. (p. 130)

Por outro lado, “*muitas das diversas variantes do marxismo desde a morte de Engels*” possuem uma “*resistência teimosa a todos os ‘grandes fatos’ que o século XX jogou na nossa cara*”, ou seja, *ignoram a política na história, e por isso insistem em uma “defesa igualmente teimosa (ou apenas modificações triviais) do modelo herdado”* (p.130) que nada mais significa do que determinismo. Esta teimosia é comum ao stalinismo e seu “sentido histórico” e a Anderson e Nairn e sua teleologia que “*supõe ser a política uma arena onde o iluminado pode ingenuamente perseguir*

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

apenas fins teleológicos, como a ‘conquista do poder de classe’ (p. 138).

Toda a análise histórica de Anderson e Nairn se baseia nessa premissa teleológica, qual seja, que a conquista do poder pela classe trabalhadora é o objetivo político de toda a ação desta classe. Thompson faz dois comentários sobre isso. Primeiro, a história não um túnel por onde passa o trem rumo ao seu destino final, o paraíso. Ou então, se é, gerações e mais gerações de pessoas simplesmente não veem o final do túnel. O historiador deve analisar não somente o objetivo político da classe trabalhadora, se é que ele existe, mas também a qualidade de vida, os sofrimentos, os valores que sustentam os homens desta classe. Segundo, existem experiências e problemas sociais que demandam ação política e que objetivamente passam ao largo do objetivo de tomada de poder. Temas como a disciplina do trabalho ou da cidadania moderna (meios de comunicação, oposição à guerras, etc) não necessariamente se conectam com a tomada do poder. (p. 172).

E neste momento o que falha “*não é o modelo que insiste na dialética do ser social e da consciência social, mas um outro que insiste em que esta dialética só pode ser mediada pela classe social e adquirir sua significação a partir dela*”.

(p. 173). O que está errado não é o marxismo, mas sim o determinismo.

Thompson prossegue na crítica aos seus dois colegas britânicos. Anderson e Nairn fazem de sua obra uma constante condenação do proletariado inglês porque este não se adequa ao seu modelo determinado. A seguir uma passagem que é bastante significativa como recusa do determinismo e defesa da história:

Então, olhemos a história *como* história – homens situados em contextos reais (que eles não escolheram) e confrontados perante forças incontornáveis com uma urgência esmagadora de relações e deveres, dispondo, apenas, de uma oportunidade restrita de inserir sua própria ação – e não como um texto para fanfarronices do tipo *assim deveria ter sido*. (p. 140, grifos do autor).

E não é só na análise do proletariado inglês que Anderson e Nairn são deterministas tentando moldar o que realmente aconteceu na história – o que significa dizer: a política – e seu modelo teórico. Algo igual ocorre quando eles analisam a burguesia britânica. Não percebem, como Marx percebeu, que as burguesias das diferentes nações têm histórias e desenvolvimentos diferentes. (p. 97). Eles analisam a revolução inglesa a partir de axiomas extraídos de um modelo baseado na revolução francesa e Thompson se opõe a este modelo teórico que toma “a” Revolução como um tipo ideal. Para ele,

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

nem a revolução francesa é um modelo de revolução burguesa nem o jacobinismo é um movimento tipicamente burguês. (p.99).

Em defesa da política Thompson afirma que a postura do marxismo não pode ser a da ortodoxia nem a do relativismo empiricista, mas sim a de reestruturar de forma radical o próprio modelo a luz da dialética teoria e prática. Não se pode, portanto, prescindir de modelos, mas deve-se confrontá-los com a realidade, questioná-los, trata-los com ceticismo radical. Esta deve ser a dialética que se estabelece entre teoria e empiria e que é vital para o crescimento intelectual. (p. 156-157).

É a partir da metáfora da base e da superestrutura que Thompson exemplifica como um marxista deve se relacionar com o seu modelo, e como Anderson e Nairn não procedem desta forma. Esta metáfora trata, na verdade, da dicotomia central deste artigo, *necessidade e liberdade* ou, nas palavras de Thompson, “do ser social e da consciência social”, questão central para o marxismo desde suas origens. Sem a tentativa de compreender esta dialética entre “cultura” e “*não-cultura*” o marxismo perde o sentido. (p. 157). Por isso é necessário aprofundar o entendimento sobre esta relação, e é vital para o objetivo deste artigo de qualificar o

marxismo como o corpo teórico mais consistente na defesa da política.

Thompson afirma que todo modelo é marcado por uma tendência ao reducionismo, e esta metáfora aprofunda esta tendência quando pretende explicar os fenômenos culturais e políticos pela origem de classe dos atores. Buscar o interesse de classe em todas as disputas políticas é um erro dos marxistas que não entendem que o Estado é mais do que o comitê da classe dominante. (p.100) A tradição marxista tem perdido a dialética desta relação entre necessidade e liberdade e ficando petrificada em uma metáfora da engenharia que não comporta o sentido relacional fundamental desta dinâmica social entre o ser e a consciência. (p. 158-159).

O melhor modo de lidar dialeticamente com essa relação social é analisando a história dos processos sociais nas quais as relações se manifestam, como fez Marx no “*18 de Brumário*”. (p. 158). A partir desta obra é possível compreender que os eventos políticos e culturais tem autonomia e são, ao mesmo tempo, condicionados pelos eventos econômicos, mas não determinados por eles. O curso da revolução Inglesa é exemplar desta visão, pois seus

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

conflitos religiosos não foram ‘aspirações econômicas’ diluídas em ilusões, mas conflitos sobre a autoridade e a doutrina da Igreja. Não entenderemos a intensidade do conflito, a tenacidade dos autoritários nem a energia dos puritanos a menos que entendamos que espécie de gente eles eram e, em consequência, o contexto socioeconômico. Mas a mediação entre ‘interesse’ e ‘crença’ não se dava pelos ‘complexos de superestruturas’ de Nairn, e sim *por meio do próprio povo*. Os puritanos não apreciavam a autoridade da Igreja porque já haviam dispensado a autoridade do Estado na vida prática. E os autoritários defenderam a autoridade da Igreja Estatal com tamanha tenacidade porque sentiram que seus *status* e seu poder – toda uma maneira de ordenar a vida – estavam escapando de suas mãos e precisavam ser defendidas em algum momento. Se queremos compreender essa mediação, não precisamos de uma metáfora extraordinariamente desajeitada e irrelevante, mas de uma psicologia social sutil e sensível. (p. 160).

Expostas as críticas de Bensaid e Thompson aos seus adversários deterministas é plausível concluir que o diálogo entre os dois é frutífero. O enfrentamento ao determinismo stalinista e ao determinismo teórico faz (re)surgir uma dialética viva entre *necessidade* e *liberdade*, uma presença da política na história que foi tão marcante nas formulações de Marx.

Antes de concluir a conversa, todavia, é interessante apresentar um tema na qual as análises de Bensaid e Thompson

tomam direções distintas, talvez até antagônicas: o que pensar do reformismo social-democrata que hegemonizou a esquerda européia após o fim da segunda guerra?

REFORMISMO E SOCIAL DEMOCRACIA: POLÍTICA OU DETERMINISMO?

Bensaid eleva a social-democracia européia ao mesmo status de adversário que o stalinismo, isto é, como credores de uma mesma concepção determinista. Para ele o Partido, isto é, o ator que efetivará a política “*desempenha então um o papel de meio termo de um silogismo entre a universalidade da história e a particularidade do proletariado*”. Contra tal concepção dialética o stalinismo apresenta o já citado neste artigo “sentido da história”, ao passo que para o determinismo social-democrata “o proletariado seria o meio termo entre a história e a ciência encarnada por um partido educador”. Em direção oposta, Thompson procura defender o reformismo trabalhista inglês dos ataques de Anderson e Nairn justamente por considerar as críticas deterministas, afirmando que as respostas reformistas são absolutamente políticas e históricas. Como então

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

parlamentar sobre concepções tão contraditórias?

A – Bensaid versus a resignação social-democrata

O cartão de visitas de Bensaid com relação à social-democracia é identifica-la como moderada e resignada, presa à “*pane de projetos estratégicos*” e que “*sofre de um grave déficit histórico*” (pg. 11). A social-democracia afeita aos jogos do poder é fruto da “situação atual” que “*caracteriza-se sobretudo pelo desaparecimento de um movimento operário internacional independente*”. Tem-se então a “retórica da esquerda pluralista, cuja ambição se limita desde já à gestão prosaica de um presente sem futuro” e “*reflete-se na própria apatia dos discursos de resistência, no gosto evasivo pelo eufemismo e pela perífrase*”. (pg.22).

Mais adiante, no **Corolário 4** do **Teorema 1**, Bensaid crítica o “*comunismo do já*” que alimenta “*o social-liberalismo ao molho financeiro da esquerda plural*”. Surgem então propostas de revolução sem tomada de poder, sem um grande momento decisivo de conquista do futuro, mas sim um “longo rio de reformas gerenciais” que alimentarão uma conquista gradual e progressiva da hegemonia cuja amplitude será finalmente confirmada pela maioria

eleitoral. Abrem-se as cortinas para o retorno “modesto” das antigas “leis mecânicas da história” (pg.29-30) que tanto animaram Kautsky e Bernstein em sua crença de que o comunismo seria inevitável.

Bensaid não cita os “pais” da social-democracia à toa. São antes os progenitores do determinismo. Aquilo que o filósofo francês chama de “o presente sem futuro” ou “comunismo do já” significam teórica e praticamente a mesma morte da política representada pelo stalinismo.

Este ponto fica mais claro no **Corolário 4** do **Teorema 2**, pois para os social-democratas resignados a “*tarefa da esquerda se limitaria, então, a aprofundar e desenvolver a ideologia liberal no sentido de uma democratização radical e plural. Essa miragem de uma dissolução pacífica do capital na hegemonia plural reveste, na política das socialdemocracias europeias, o sentido eminentemente prático de um liberalismo de esquerda*” (pg. 54-55).

Do mesmo modo, Bensaid demonstra também no **Teorema 2** que a social-democracia é caudatária de um “marxismo ortodoxo” que havia prometido que o proletariado se tornaria tudo, uma vez que a classe trabalhadora estava teleologicamente determinada a tomar o

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

poder. Como a promessa não foi efetivada, a culpa seria então do proletariado, que precisa ser reduzido a nada, juntamente com a política. Afinal, se a classe operária nem existe mais, porque mudar o mundo?

As afirmações de que não mais existe proletariado em nossa sociedade globalizada e tecnologicamente avançada, e que portanto não mais existe luta de classes é peça chave no aprisionamento da social-democracia à ideologia dominante. Diante do obscurecimento dos antagonismos classistas ganham força as querelas étnicas e religiosas.

A social-democracia é resultado da política e do proletariado. Sem estes dois, o que sobra? A própria social-democracia se enfraquece e se distancia da sua utopia eleitoral, pois a forma partido que eles defendem, “*como meio termo entre a história e ciência encarnada por um partido educador*” (**Escólio 1**, pg. 39) não dá conta destas (nem tão) novas modalidades de conflito identitário.

Ademais, há a diluição da luta de classes em um humanitarismo propositadamente não definido, que gera apenas libertação individual e não mais a libertação universal que o proletariado pode oferecer (**Escólio 2.4**). Este tema retorna com mais força no **Teorema 3**, quando Bensaid recusa a substituição do imperialismo pela globalização, da

“soberania democrática pela Humanidade com H maiúsculo” (**Corolário 1**), muito menos “do direito internacional pela ‘moralina’ humanitária” (**Corolário 2**). Escusado dizer que a social-democracia concorda com estas trocas, quando não é ela de fato quem as formula e as defende estando no governo.

A resignação social-democrata significa uma aceitação do triunfo da cultura do consenso sobre a do conflito. Ao fim ao cabo configura-se no mesmo discurso depressivo da pós modernidade ou na mesma euforia liberal que acabam por “deixar pouca esperança de se inverter a ordem do capitalismo e sua violência capitalizada” (pg. 83). E sem esperança não há política.

B – Thompson ao lado das respostas reformistas

Thompson não era um social-democrata, nem membro do Partido Trabalhista Inglês. Em suas palavras, seu objetivo político ao romper com o partido comunista e constituir um grupo de marxistas independentes era o de formular “táticas reformistas no interior de uma estratégia revolucionária”. Diferente de Bensaid, portanto, claro está que o historiador inglês legitima o pressuposto reformista. Muito provavelmente ele já

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

legitimava a existência das reformas como parte da política da esquerda antes dos ataques deterministas de Anderson e Nairn. A defesa que Thompson faz das reformas e dos trabalhistas é heterodoxa e crítica tal como este artigo supõe sua teoria marxista.

Desde o início do “*Peculiaridades*” Thompson denuncia a forma como Anderson e Nairn definem o proletariado inglês. Para eles, trata-se de “*um proletariado subordinado, dócil, submisso, sem consistência ideológica, corporativo.*” (p.80). Contra isso, Thompson identifica que o principal problema da análise histórica dos dois autores sobre a classe operária inglesa é que os fatos, os eventos, as décadas, os sindicatos e os partidos que não se encaixam no seu modelo simplesmente são suprimidos. (p. 131).

A partir disso Thompson elenca quatro eixos principais de crítica ao modo como ambos interpretam a história da classe trabalhadora inglesa. São eles: 1 – não analisam o contexto político; 2 – não há dimensão sociológica; 3 – vulgarização do conceito de hegemonia; 4 – não analisam o impacto do comunismo soviético nos trabalhadores. (p. 132). E ao incorrerem nestes erros Anderson e Nairn simplesmente perdem o que significou histórica e politicamente o reformismo trabalhista.

Para Anderson e Nairn, a grande tragédia da história inglesa “*foi o fato do marxismo ter passado em branco pela classe trabalhadora britânica.*” A culpa disso é dos sindicatos e intelectuais britânicos, isolados e omissos. O pano de fundo desta análise é: os trabalhadores são sempre instintivos e os intelectuais sempre portadores de uma consciência política articulada. E como a intelectualidade britânica não era marxista, mas sim trabalhista, este movimento hegemonizou a classe operária inglesa. (p. 133-134). Segundo Thompson, esta visão não se sustenta a uma ida às fontes, pois nem o reformismo era tão presente, nem o marxismo tão ausente como estes autores supõe. E por mais que o marxismo britânico fosse doutrinário, o que por certo prejudica sua relação orgânica com a classe, não o era mais do que o francês, tomado como caso exemplar por ambos. (p. 134).

O predomínio do reformismo data do pós-1945. Anderson e Nairn generalizam este predomínio para antes disso e não analisam qual contexto político do pós-guerra o favoreceu. Por exemplo, a análise deste contexto deverá levar em conta o imperialismo e o consequente fortalecimento do nacionalismo, com o qual o marxismo não soube lidar. Além do mais, poucas foram as vezes que uma

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

alternativa socialista fosse politicamente viável como prega o modelo da nova direção da *New Left*. (p. 135).

Para Thompson, estes momentos existiram (1890; 1910-1911; 1945-1947), no entanto foram momentos fugazes e sufocados por questões externas, como a Guerra dos Boers, a 1ª Guerra Mundial e a Guerra Fria. (p. 135-136). Eles ignoram igualmente que a maior parte da esquerda inglesa era internacionalista e se opunha ao imperialismo, e por este motivo foram derrotadas nestes momentos em que o nacionalismo se fortalecia. (p. 136-137). Não é por acaso que ao longo do século XX todos os grandes embates entre esquerda e direita na Inglaterra foram marcados pela defesa dos “interesses ingleses” pela direita e pelo internacionalismo da esquerda. (p.137-138).

A ausência de uma dimensão sociológica se evidencia no uso esquemático do conceito de classe por Anderson e Nairn. Para eles as classes substituem a história. “*As classes tem atributos de identidade pessoal, vontade, metas conscientes e qualidades morais*” (p. 140) e são compostas por pessoas que comungam de uma identidade ideal intacta mesmo quando o conflito permanece inativo.

Eles consideram as classes “maduras” ou “imaturas” porque ignoram que as classes são compostas por “*pessoas diferentes, com tradições em mutação e relações que também se alteram, tanto entre si como em contato com outros grupos sociais*” (p. 141). Um exemplo disso é a visão de ambos sobre o cartismo. Este é caracterizado como um movimento débil, imaturo, que condenou a classe trabalhadora inglesa ao horizonte do capitalismo. Com isso eles ignoram as mudanças sociológicas decorrentes das novas especializações do trabalho e que permitiram ao reformismo ganhar terreno. (p.141)

A mais importante destas mudanças foi o pleno desenvolvimento do modo de produção capitalista. Marx havia percebido isso, quando identificou neste fato a perda de horizonte transformador por parcelas cada vez mais significativas da classe operária. (p. 142). Indo além, a própria força cada vez mais crescente do sindicalismo inglês no século XIX era impulsionada pelo envolvimento cada vez mais profundo dos sindicatos e da classe trabalhadora no Estado burguês, fato que contribuiu em muito para a rejeição de propostas de ruptura. (p. 142-143). Este mesmo processo será encontrado nos países tomados como modelo pela dupla Anderson-Nairn. (p. 143).

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSAID E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

A vulgarização do conceito de hegemonia aparece quando Anderson e Nairn cobram do proletariado uma postura hegemônica que o próprio Gramsci não faz. Para Anderson, classe hegemônica é aquela que projeta sua dominação por toda a sociedade, enquanto classe corporativa é aquela que aceita ser dominada, lutando apenas pela melhoria da sua situação econômica. Anderson afirma então que a classe operária inglesa possui uma “consciência corporativa imutável”. (p. 146).

Anderson passa então a transportar para o campo da consciência de classe algo que para Gramsci é um fenômeno social. As classes passam a ter ideologia hegemônica ou corporativa, e este binômio substitui o antigo binômio revolução versus reforma. O problema da classe operária inglesa é que ela é corporativa. (p. 147).

A primeira resposta que Thompson dá a esta visão: por definição, na teoria de Gramsci, só pode haver uma classe hegemônica, e todas as outras seriam, inevitavelmente, corporativas. Ao mesmo tempo, Gramsci não escreveu sobre classes hegemônicas, mas sobre a hegemonia política, social, cultural e econômica de uma classe, a burguesia. (p. 146-147).

Ora, a antítese de hegemonia não é “consciência corporativa”, mas sim

ditadura de uma classe sobre a outra, sem mediação, uma vez que o conceito de hegemonia significa, em Gramsci, justamente a demonstração de que “*o poder de classe poderia agora ser visto não mais como uma mera ditadura mal disfarçada, mas em formas muito mais sutis, penetrantes e, conseqüentemente, compulsivas*”. (p. 148).

Uma classe subordinada pode, no máximo, se preparar para exercer a hegemonia, “*gabaritando-se para tal ao exercer uma influência crescente sobre a vida intelectual e moral de uma nação*”, (p. 148). Para Thompson, “*o máximo que estamos habilitados a dizer é que uma classe subalterna pode apresentar uma hegemonia embrionária, ou exercê-la em áreas muito limitadas da vida social*”. (p. 149).

O modelo de Anderson e Nairn é falho porque usa o conceito de hegemonia para, uma vez mais, condenar a classe trabalhadora britânica, e com isso é incapaz de entender que a força do reformismo se dá por causa das suas realizações concretas, “*porque, dentro dos seus gravíssimos limites, tem funcionado*”. (p. 149). E também por causa do impacto da experiência comunista soviética.

O comunismo soviético e seus impactos no movimento trabalhista inglês simplesmente não aparecem nas análises

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

de Anderson e Nairn sobre o marxismo inglês e o reformismo trabalhista. (p. 150). Contra esta lacuna Thompson apresenta a tese de que o comunismo é parte inseparável do trabalhismo inglês nos últimos 50 anos, presente desde pelo menos 1917 como o polo oposta à ala direita do trabalhismo. (p. 150-151).

E mesmo após a criação do PC, na década de 1920, a esquerda trabalhista manteve com este uma relação de colaboração, ao passo que os grandes momentos de vitória da direita trabalhista foram precedidos de uma profunda propaganda anticomunista para isolar a esquerda trabalhista. (p.151).

O mais grave de lacuna de Anderson e Nairn é que os países tidos como modelos por eles de modo algum lograram romper com a polarização entre comunistas e social-democratas, ou seja, encontrar a solução para o problema estratégico da reforma versus revolução. A exceção foi a Itália, que configurou uma importante esquerda por fora desta bipolarização. Na Inglaterra esta tentativa foi feita com o grupo de Thompson, que rompe com a PC em 1956, e também foi derrotado. (p. 152). De todo modo, há marxismo na Inglaterra, e Anderson não o vê porque não tira os olhos de Paris.

A dominação capitalista não é somente econômica, mas política, cultural,

de valores, e não é possível determinar por onde tudo começou: estas dominações foram se constituindo conjuntamente, no mesmo processo histórico e sociológico, possuem o mesmo nexo de relações sociais. E, neste sentido, as resistências ao capitalismo devem ser não apenas econômicas, mas ao mesmo tempo devem ser culturais, morais, de valores, etc. Não é possível afirmar qual é mais revolucionária. (p. 167).

É preciso tomar exemplos históricos de resistência ao capitalismo como o reformismo do *welfare state* nesta chave, o que implica em identificar nele amplas potencialidades revolucionarias, ainda que ele saiba, ao defender esta posição, que tal reformismo tenha sido assimilada pelo capitalismo avançado (p. 167).

Diante desta defesa de Thompson do reformismo inglês, seria Bensaid um determinista? E partindo dos ataques que o filósofo francês desfere contra a socialdemocracia européia, teríamos em Thompson um teleológico resignado?

CONCLUSÃO

Chegou a hora de encerrar as conversações entre Thompson e Bensaid. Após acordos e desacordos, passadas as concordâncias e discordâncias, a pergunta

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

inicial é refeita: há lugar para o marxismo crítico na teoria social e na filosofia política? Se há, ele realmente é o lugar da defesa da política?

A resposta segue sendo sim. O marxismo crítico e heterodoxo precisa derrotar o determinismo para se desenvolver. Precisa se apoiar na política para mostrar sua força. As concepções de Bensaïd e Thompson no combate ao stalinismo e ao modelo de Perry Anderson e Tom Nairn formam uma poderosa contribuição para um marxismo que relaciona *necessidade e liberdade* de forma dialética.

E o que fazer com o antagonismo de suas visões sobre o reformismo social-democrata? Em primeiro lugar é necessário respeitar os dois revolucionários, e isto foi feito apresentando esta discordância neste texto, quando talvez o mais fácil fosse ignorar este ponto.

Em um segundo momento, é necessário contextualizar os dois momentos diferentes em que os textos foram escritos. “*Peculiaridades*” foi escrito quando a política reformista ainda era “funcionava” apesar de seus “gravíssimos limites. Já “*os Irredutíveis*” vem ao mundo quando a socialdemocracia européia se converteu à contra-reforma liberal. Um exemplo dramático desta diferença: o pacifista Thompson não viu o trabalhismo

inglês apoiar uma guerra norte-americana sem nenhuma legitimidade junto à comunidade internacional como o trotskista Bensaïd presenciou em 2001 no Afeganistão e, principalmente, em 2003 no Iraque.

Envolver Thompson e Bensaïd na história e na política é o caminho indicado pelo marxismo crítico para fazer com que as discordâncias neste diálogo não se transformem que querelas intransponíveis, mas sim que sejam dialeticamente sintetizadas na defesa da política. Em outras palavras, politicamente as duas visões, embora diferentes, não são antagônicas, pois foram produzidas em momentos históricos diferentes. E com isso a crítica que ambos fazem ao determinismo permanece de pé e suas concepções anti-teleológicas podem ser combinadas.

Para concluir em definitivo, é importante registrar que o próprio Bensaïd faz justiça a Thompson declarando que incorpora as concepções do historiador inglês sobre o conceito de classe.

Para Thompson, as passagens sobre a classe se configuram nos momentos mais deterministas de Anderson e Nairn. Eles reificam as classes o tempo todo ignorando que na verdade elas são “*expressões metafóricas de processos mais complexos, geralmente involuntários*”. (p. 168).

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

A classe “não é”, “não faz”. “Ela” não existe como algo cristalizado. Classe não é uma parte da sociedade, mas a maneira pela qual uma das partes da sociedade se movimenta, e este movimento não pode ser apreendido abstrata ou isoladamente, mas apenas nas relações com outras classes. A classe não é uma coisa, mas sim um acontecimento. “*Classe é uma formação social ou cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional)*” cuja definição só pode ser feita, em última análise, “*através do tempo, isto é, ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos de uma classe estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, e que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas*”. (p. 169).

Em Anderson e Nairn, a classe burguesa é ideológica e sociologicamente imutável pelo menos desde 1832. Isto é um exemplo de como eles reificam o conceito de classe. Thompson defende que, pelo contrário, a análise marxista e histórica deve buscar as mudanças, as descontinuidades, os movimentos tanto

quando as permanências e as continuidades. (p. 170). A agência, a política, repousa nos homens que compõem a classe, e não na própria classe. (p. 171).

Bensaid parte de todo este arcabouço para defender que a classe

não se trata de uma estrutura imóvel nem de uma categoria definitiva, mas de um fenômeno histórico que não se pode cristalizar em um momento particular do seu desenvolvimento. (...) As classes se autoproduzem, seguindo um processo de cristalização de interesses coletivos, de uma consciência destes interesses e de uma linguagem para expressá-los. Elas se situam no ponto de encontro entre um conceito teórico e um plano de luta. o sentimento de pertencer a uma classe resulta do trabalho político e simbólico, assim como de uma determinação sociológica. (p. 37).

Sem política não há consciência de classe, esta só se forma como autoprodução dos indivíduos que a compõem. A crise da política só pode ser superada pela e com a política. No **Teorema 1** Bensaid nos remete a Freud, que afirmou ser a ética menos importante do que um novo posicionamento dos homens com relação à propriedade. Nesse sentido, alega o revolucionário francês, “*não estamos livres da política enquanto arte profana do tempo e do espaço, enquanto esforço obstinado para recriar os limites do possível em um mundo sem deuses.*” (pg. 26).

Não pode existir, para Bensaid, política sem estratégia. É essa unidade que

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

permite que ele apresente a seguinte formulação: *“a arte da decisão, do momento propício, da bifurcação aberta para a esperança é uma arte estratégica do possível. Não o sonho de uma possibilidade abstrata, em que tudo o que não é impossível seria possível, mas arte de uma possibilidade determinada pela situação concreta: sendo cada situação singular, o momento da decisão é sempre relativo a essa situação, adaptado ao objetivo a ser atingido. A razão estratégica é a arte da resposta apropriada. Ela não domina a situação. Não a sobrevoa. Não a sobrepuja. Enraiza-se nela para novamente pôr em questão as regras e as normas estabelecidas.”* (pg. 28-29).

Os momentos de crise aparecem como fundamentais para que a política cumpra seu papel. O **Corolário 5** deixa claro que *“ainda há conflito e contradição. Há, mais do que nunca, um mal-estar na cultura e na civilização. Do mal-estar à crise é um passo.”* Esta *“sobrevém à interseção das pressões da situação e da contingência da ação. Abre uma brecha no círculo vicioso das repetições. Faz seu buraco na estrutura endurecidas da dominação, semeia a desordem na rotina bem organizada dos trabalhos e dos dias. A crise ainda não é o acontecimento, mas já o seu anúncio, uma porta entreaberta pelo qual pode surgir a qualquer instante*

essas possibilidades tão distantes que a própria espera entorpecida. As horas então se transformam, de repente, em minutos, e os anos em dias.” (pg. 30).

É arriscado dizer que Thompson poderia assinar em baixo destas palavras de Bensaïd sobre a política, repetindo o gesto de Bensaïd quando este subscreveu as formulações thompsoniana sobre o conceito de classe? E mesmo assim, é o que está dito nesta conclusão. Pois as concepções de Bensaïd sobre a política são tão parte integrante do marxismo crítico e heterodoxo que terá uma contribuição decisiva para reabilitar a política quanto o que Thompson escreveu sobre consciência de classe.

Em tempos de primavera árabe, de norte-americanos ocupando *Wall Street*, dos europeu indo para às ruas contra os ajustes neoliberais que pretendem solucionar uma crise econômica que o próprio neoliberalismo pariu e de latino-americanos construindo uma alternativa concreta com o ineditismo dos governos de esquerda na região, a política já está totalmente reabilitada na prática. E, como sugeriu este artigo, novamente na teoria.

Abstract

This article discusses the formulations of two marxists authors, Daniel Bensaïd and

PECULIARIDADES IRREDUTÍVEIS DO MARXISMO CRÍTICO: DIÁLOGOS ENTRE BENSaid E THOMPSON EM DEFESA DA POLÍTICA.

Edward Palmer Thompson, especially about the implications in the debate between the concepts of “necessity” and “freedom”. The hypothesis here advanced is that the conceptions of these two important theorist recover the critic marxism vigor by admitting a dialectical articulation between this pair of concept against others deterministic reflections.

Key Words: Critic Marxism; Daniel Bensaïd; Edward Palmer Thompson

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bensaïd, Daniel (2001). *Os irredutíveis. Teoremas da resistência para o tempo presente*. São Paulo, Ed. Boitempo, 2008.

Marx, Karl. *O 18 Brumário de Luis Napoleão*.

Thompson, Edward Palmer. “Peculiaridades dos Ingleses”. In: *Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas, Ed. Unicamp, 2001.

¹ Doutorando em Ciência Política - Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ). E-mail: josuedsrj@gmail.com